

○ instante poético-ontológico de Ícaro: uma análise a partir de conceitos bachelardianos

*Icarus' Poetic-Ontological Instant:
An Analysis Starting from Bachelard's Concepts*

Raissa Vasques de Santa BRIGIDA
(UERJ)

Resumo

O artigo consiste na análise do mito clássico de Ícaro a partir dos conceitos bachelardianos de tempo, de verticalidade onírica, e de suas determinações ontológicas. Ressaltamos que se trata de abordagem inédita do pensamento do autor, que tratou de várias imagens mitológicas, porém, não prestigiou essa cena. O jovem Ícaro vive no tempo do instante, onde há o arrebatamento ontológico e poético, enquanto que Dédalo, seu pai, vive preso à trama de ações cotidianas, ao tempo da duração, horizontal portanto. Por ser retirado da trama das ações cotidianas é que se pode afirmar que o voo de Ícaro é um voo essencial: ele vive a realidade vertical do instante, e, assim, deixa fluir suas determinações ontológicas.

Palavras-chave: Bachelard - Ícaro - poética - ontologia.

Abstract

The article provides an analysis of the classic myth of Icarus from the perspective of Gaston Bachelard's concepts of time, dreamlike verticality, and their ontological determinations. We emphasized the original nature of his approach which, while including several references to mythological imagery, did not accord particular salience to this example. Icarus the youth, in this analysis, lives in the time of the instant, where there is ontological and poetic ecstasy; Daedalus, his father, on the other hand, lives grappled to daily routine, in the time of the duration, therefore horizontal. It is precisely because it is removed from the plot of daily routine that we can affirm Icarus' flight to be essential: he lives in the vertical reality of the instant and, thus, can let flow his ontological determinations.

Keywords: Bachelard - Icarus - poetics - ontology.

Somente uma psicologia aprofundada do instante pode nos fornecer esquemas necessários à compreensão do drama poético essencial.

Bachelard, *○ instante poético, o instante metafísico*

Em seus escritos sobre poética, Gaston Bachelard analisou diversas imagens e personagens mitológicos, porém não abordou a cena de Ícaro e seu vôo desmedido que o levou a morte. Nesse trabalho, faremos uma leitura desse mito através dos conceitos bachelardianos de tempo, de verticalidade onírica, e de suas determinações ontológicas, procurando fazer, assim, uma leitura inédita do pensamento do autor.

Antes de começar a análise conceitual, relembremos um pouco do mito:

Dédalo é contratado pelo Rei Minos para construir um labirinto para aprisionar o Minotauro, um ser híbrido: metade homem, metade touro. Em algumas versões desse mito, o labirinto projeta vapores decorrentes da queima de plantas, vapores esses com efeitos semi-narcóticos que auxiliam na função do labirinto (função de perda das noções de espaço e de tempo). Para se casar com Ariadne, filha de Minos, Teseu tem que matar o Minotauro, pois assim o Rei Minos impõe. Ariadne pergunta a Dédalo de que maneira Teseu poderia percorrer o labirinto sem se perder, visto que além de percorrer a construção à procura do Minotauro, deveria matá-lo e ainda fazer o caminho de volta. Dédalo então sugere que Teseu leve consigo um novelo de linha e que o vá desenrolando na medida em que fosse adentrando pelo labirinto: para voltar sem se perder, bastaria enrolar o fio novamente. E assim, Teseu o fez e obteve sucesso em suas tarefas: matar seu alvo e percorrer o labirinto.

O Rei, se sentindo traído por Dédalo, prende o arquiteto e seu filho, o jovem Ícaro, como forma de vingar-se. Dédalo, sabendo que só poderia fugir da prisão pelo céu, visto que Minos detinha os poderes sobre o mar e a terra, confecciona dois pares de asas com penas e cera. Antes de voar para fora do labirinto, Dédalo adverte seu filho de que deveriam voar a uma altura média, nem tão próximo ao Sol, para que o calor não derretesse a cera que colava as penas, nem tão baixo, para que o mar não pudesse molhá-las. Dédalo levantou vôo e foi seguido por Ícaro. E,

voando, saíram do labirinto. Ícaro deslumbrou-se com a bela imagem do Sol e, sentindo-se atraído, voou em sua direção esquecendo-se das orientações de seu pai. A cera de suas asas começou rapidamente a derreter e logo caiu no mar. Dédalo notou que seu filho não o acompanhava mais, procurou por Ícaro, e logo viu as penas das asas de seu filho flutuando no mar. Lamentando suas próprias habilidades, enterrou o corpo numa ilha e chamou-a de Icaria em memória a seu filho.

O que levou Ícaro a esquecer a recomendação de seu pai e mergulhar nesse vôo desmedido? Temos várias possibilidades interpretativas: talvez pela sua juventude e imaturidade; talvez ele estivesse de fato inebriado pelas substâncias narcóticas expelidas pelo labirinto ou talvez inebriado pela sensação de liberdade e poder; quem sabe ele realmente queria alcançar o sol, como dizem algumas versões do mito.

Relembramos que o texto que apresento se trata de uma interpretação livre de argumentos e conceitos presentes na obra do filósofo que estudo com uma imagem mitológica que desperta meu interesse. Tal junção não foi feita por Bachelard em suas obras da vertente poética.

O vôo de Ícaro difere do vôo de seu pai: é um vôo desmedido, passional, vertiginoso. Dédalo foi racional e pragmático em seu deslocamento aéreo: tinha um objetivo a ser alcançado, uma tarefa a cumprir. Podemos dizer que o vôo icárico foi vertical, em um sentido bachelardiano, que transcende à própria verticalidade enquanto trajetória de seu vôo e queda.

A verticalidade a qual me refiro se trata da verticalidade vivida no *instante*, conceito presente nas duas fases do pensamento bachelardiano. Para Bachelard, a *duração* é um artifício racional a posteriori que liga um instante a outro, sendo *horizontal*. Já o instante é o elemento temporal primordial. Citando

Bachelard: “O tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nadas”¹ Para ele², vive-se o instante, que é vertical, vive-se a verticalidade do instante, enquanto que a duração não passa da construção laboriosa e artificial de nosso espírito, uma trama constituída de instantes descontínuos.³

Assim, entendo Ícaro como um elogio à verticalidade do instante, que nega a fluência monótona dos fatos corriqueiros vivenciados na trama das ações cotidianas. Dédalo e Teseu têm tarefas a cumprir: vivem o tempo da duração, representada pela linearidade horizontal dos movimentos comuns (favor ler com certa prudência; afinal, não é qualquer um que pode enfrentar um Minotauro). Ícaro vive o instante de seu vôo de maneira passional, transborda os limites do racional, em sua dimensão técnica e prática. Ícaro não se satisfaz em sair do labirinto, não se satisfaz no experimento dos resultados de uma razão instrumental: mergulha em um arrebatamento vertical.

* * * *

Em um de seus primeiros escritos sobre poética, ainda em 1939, no artigo *Instante poético, instante metafísico*, Bachelard fala apenas de poemas como responsáveis por uma *metafísica instantânea*. Mas, ao longo de suas obras, o pensador francês abre essa perspectiva para a literatura como um todo, dando um enfoque à *imaginação*, tanto do escritor, quanto do leitor. Não creio que seja um parricídio filosófico abrir essa perspectiva ainda mais, englobando toda e qualquer forma de arte como potenciadora dessa metafísica instantânea, capaz de unir o ser mais disperso.

Nesse artigo, Bachelard afirma que o tempo comum corre horizontalmente, e o tempo do poema,

da imaginação, é chamado de vertical justamente por não se assemelhar ao tempo comum. No mito, Teseu e Dédalo encontram-se no tempo horizontal, da trama de ações e tarefas a cumprir. Ícaro não se prende a esse tempo; entregou-se a seu sonho de voar.

Há uma diferença entre o vôo de Ícaro e o vôo de Dédalo. Esta diferença também se manifesta entre os modos de Teseu e Ícaro se relacionarem com o labirinto. Enquanto que para o arquiteto Dédalo, o vôo é tarefa, tem por finalidade testar as asas inventadas e com isso livrá-lo do labirinto, Ícaro voa pelo vôo, ou melhor, voa pela vertigem. O voar em Ícaro tem um apelo essencial. Não é algo que servisse para dominar mais um artifício.

Nesse sentido, temos que “Para Bachelard, a imaginação criadora se dá, no instante, afastando o homem do tempo da vida e do senso comum, do tempo que pressupõe a medida e a continuidade”⁴. “É no instante que as imagens emergem no eu do poeta, permitindo que este viva num fragmento de tempo, todas as ambivalências da vida”⁵. Esse arrebatamento vertical, esse vôo onírico que nos tira da trama de ações corriqueiras pode ser vivido por qualquer ser humano no momento em que imagina. Para o filósofo, quando entramos em processo imaginativo, quando, desligados das querelas do mundo cotidiano, entramos em um contato com as camadas psíquicas mais profundas. Em *A poética do devaneio* Bachelard fala que quando “Quando um sonhador de devaneios afastou todas as “preocupações” que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe advém da inquietação alheia, quando é realmente o autor *da sua solidão*, quando, enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do universo, sente, esse sonhador, um ser que se abre nele.”⁶

¹ BACHELARD, *A intuição do instante*, p. 20.

² A teoria Bachelardiana do tempo encontra-se no livro *A intuição do instante*.

³ BACHELARD, *A intuição do instante*, p. 25.

⁴ BULCÃO, M. *O vôo ascensional do instante fecundo*. Em *Bachelard: razão e imaginação*, p. 146.

⁵ BULCÃO, M. *O vôo ascensional do instante fecundo*. Em *Bachelard: razão e imaginação*, p. 146.

⁶ BACHELARD, *A poética do devaneio*, p. 165.

As imagens que emergem nesse instante são imagens essenciais, que revelam o ser do poeta: não à toa, Bachelard fala do *cogito do sonhador*. “O devaneio é uma atividade psíquica manifesta. Forneça documentos sobre diferenças na *tonalidade do ser*. No nível da tonalidade do ser, portanto, pode-se propor uma ontologia diferencial. (...) O ser do sonhador invade aquilo que toca, difuso no mundo. (...) Habitando verdadeiramente todo o volume de seu espaço, o homem do devaneio está em toda parte *no seu mundo*, num *dentro* que não tem *fora*. Não é à toa que se costuma dizer que o sonhador está *imerso* no seu devaneio. O mundo já não existe diante dele. O eu não se opõe mais ao mundo. No devaneio já não existe não-eu. No devaneio o *não* já não tem função: tudo é acolhimento.”⁷

Fora da trama de ações, em vôos oníricos verticais, na intensidade do instante, Ícaro vive um vôo essencial: deparou-se com a *hybris* de seu ser, viveu plenamente no momento mesmo de seu vôo, por deixar fluir suas determinações ontológicas. Em *A poética do devaneio*, Bachelard afirma que “O sonhador, em seu devaneio sem limite nem reserva, se entrega de corpo e alma à imagem que acaba de encantá-lo.”⁸ Bachelard entende que as imagens

oníricas emergem verticalmente do ser do poeta, sendo, portanto imagens essenciais. Assim, temos que o arrebatamento onírico se transforma em arrebatamento ontológico. Cito *A poética do devaneio*: “Uma única imagem cósmica lhe proporciona uma unidade de devaneio, uma unidade de mundo: o sonhador de mundo não conhece a divisão do seu ser.”⁹

Ícaro fez de seu vôo um instante poético, e mais, um instante metafísico. “Os instantes poéticos são cintilações de linguagem, nos impulsionam num vôo verticalizante e libertador, afastando-nos do mundo empobrecido da percepção, fazendo-nos vivenciar o êxtase da criação”.¹⁰ Criar instantes metafísicos é a lição que tiramos do vôo icário.

Para finalizar meu texto, recorro a Nietzsche nas *Considerações Extemporâneas*:

“Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne os outros felizes”.¹¹

⁷ BACHELARD, *A poética do devaneio*, p. 161.

⁸ BACHELARD, *A poética do devaneio*, p. 167.

⁹ BACHELARD, *A poética do devaneio*, p. 167.

¹⁰ BULCÃO, M. *O vôo ascensional do instante fecundo*. Em *Bachelard: razão e imaginação*, p. 145.

¹¹ NIETZSCHE. *Considerações extemporâneas*.